

**VOZES FEMININAS NA LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA
CONTEMPORÂNEA: UM ENCONTRO COM ELIANE POTIGUARA**

**VOCES FEMENINAS EN LA LITERATURA DE AUTORÍA INDÍGENA
CONTEMPORÁNEA: UN ENCUENTRO CON ELIANE POTIGUARA**

Moisés Souza Siqueira

Mestrando no programa de Pós-Graduação stricto sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)

xmoisessouzas@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-9773-7727>

<http://lattes.cnpq.br/0243816787198181>

Maria Dolores Martins de Araújo

Doutora em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal de Goiás (FL/UFG)

mariadmartins94@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0715-0522>

<http://lattes.cnpq.br/5747789790729955>

Resumo: O trabalho em questão aborda a escrita contemporânea de autoria indígena feminina no Brasil, concentrando-se na obra "Metade Cara, Metade Máscara" de Eliane Potiguara (2018). Ele adota uma abordagem crítica feminista e se baseia nos estudos culturais latino-americanos. Além disso, incorpora reflexões de diversos pensadores, incluindo Graça Graúna (2013; 2013), Daniel Munduruku (2016), Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Heliene Rosa da Costa (2020) e Liane Schneider (2016). Os pesquisadores reconhecem suas próprias subjetividades e experiências pessoais como influências na pesquisa literária. Isso posto, buscamos trazer a voz das mulheres indígenas para discussões sobre literatura, cultura, sociedade brasileira e feminismo, sem pretender ocupar o lugar de fala delas. A pesquisa se baseia na noção de "lugar de fala" e a responsabilidade política de falar contra a opressão, especialmente quando se tem privilégio. Reconhecemos, retomando Linda Alcoff, que, ao não falar sobre aqueles que não estão no lugar de privilégio, abandonamos a nossa responsabilidade. Finalmente, o estudo promove uma forma inovadora de empatia e troca, buscando gerar novas perspectivas de reflexão e ação, considerando a obra "Metade Cara, Metade Máscara" de Eliane Potiguara como seu objeto de análise.

Palavras-chave: Literatura Indígena; Eliane Potiguara; Estudos Culturais.

Abstract: El trabajo en cuestión aborda la escritura contemporánea de autoría indígena femenina en Brasil, centrándose en la obra "Metade Cara, Metade Máscara" de Eliane Potiguara (2018). Adopta un enfoque crítico feminista y se basa en los estudios culturales latinoamericanos. Además, incorpora reflexiones de diversos pensadores, incluyendo a Graça Graúna (2013; 2013), Daniel Munduruku (2016), Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Heliene Rosa da Costa (2020) y Liane Schneider (2016). Los

Building the way

investigadores reconhecem suas próprias subjetividades e experiências pessoais como influências na investigação literária. Dicho esto, buscamos dar voz a las mujeres indígenas en las discusiones sobre literatura, cultura, sociedad brasileña y feminismo, sin pretender ocupar su lugar de expresión. La investigación se basa en la noción de "lugar de habla" y la responsabilidad política de hablar contra la opresión, especialmente cuando se tiene privilegio. Reconocemos, retomando a Linda Alcoff, que al no hablar sobre aquellos que no están en el lugar de privilegio, abandonamos nuestra responsabilidad. Finalmente, el estudio promueve una forma innovadora de empatía e intercambio, buscando generar nuevas perspectivas de reflexión y acción, considerando la obra "Metade Cara, Metade Máscara" de Eliane Potiguara como objeto de análisis.

Palabras clave: Literatura Indígena; Eliane Potiguara; Estudos Culturales

Introdução

Porque história a gente esquece se não contar a ninguém (Maria Valéria Rezende, 2005).

O presente trabalho propõe pensar a escrita de autoria indígena feminina brasileira contemporânea em Eliane Potiguara (2018), dispondo, como objeto de estudo, a obra *Metade Cara, Metade Máscara*. Segue numa vertente crítica feminista, adotando, como segundo plano, a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos, bem como reflexões discutidas por pensadores/as como Daniel Munduruku (2009; 2012), Graça Graúna (2013), Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Heloisa Buarque de Hollanda (2018), Heliene Rosa da Costa (2020) e Liane Schneider (2019). Não se encaixa nos propósitos enquanto pesquisadores de literatura vestir a carapaça da imparcialidade. Afinal, escrevemos e pensamos dentro de determinado tempo, espaço e corpo. Assumimos: o que nutre as nossas palavras e pensamento são as experiências que vivemos fora e dentro da academia. Em seu ensaio *Queer(izar) a escrita - loca, escritora y chicana*, Gloria Anzaldúa aponta que “uma pessoa escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão de onde se ergue seu posicionamento particular”, portanto, ao direcionar o olhar às experiências da mulher indígena brasileira marcada na escrita de autoria feminina – Potiguara –, não se pretende ocupar o lugar de fala das mulheres indígenas, mas acreditamos que, como pesquisadores, nossa contribuição está em trazer para

Building the way

a roda das discussões sobre literatura, cultura e sociedade brasileira a voz dessas mulheres.

No livro *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*, a professora Heloisa Buarque de Holanda, ao fazer introdução da parte 3 da obra, retoma a discussão sobre “lugar de fala” – problemática que nos causava inquietação, uma vez que o lugar de onde parte nossas falas é marcado pela diferença com relação ao lugar ocupado pelas discussões propostas nesse estudo –, atribuindo os artigos *Pode o subalterno falar?*, por Gayatri Spivak, e *The Problem of Speaking For Others*, por Linda Alcoff, como prováveis percursos do termo. Após analisar os efeitos positivos do “lugar de fala” e apontar sua característica de agenciador político, Alcoff (2018, p. 247) indaga:

Se não falo sobre os que não estão no lugar do privilégio, estou abandonando minha responsabilidade política de falar contra a opressão, uma responsabilidade que tenho exatamente por conta da posição de privilégio. Será que minha grande contribuição é sair fora do caminho do ‘outro’?

É com base nesse pensamento de Linda Alcoff que ousamos discutir lugares sociais situados fora do nosso contexto particular, pois entendemos que devemos experimentar outras formas de ler o mundo para que outras formas de existências não sejam marcadas pela opressão, como tem sido a história dos povos indígenas latino-americanos desde a invasão dessas terras.

Isso posto, neste estudo, mostrou-se necessário, além de pensar a referência, “promover um tipo de escuta na qual, sem abrir mão de seu próprio ‘lugar de fala’, sejam possíveis formas inovadoras de empatia e de troca que gerem novas perspectivas de reflexão e ação” (Holanda, 2018, p. 248). Assim, a pesquisa teve como objeto o livro *Metade cara, metade máscara* [2004] (2018), convergência de variados gêneros literários, de autoria de Eliane Potiguara, visando trazer as vozes femininas indígenas que emergem nesses escritos.

Para iniciarmos nossas reflexões, é indispensável conhecermos, primeiramente, a referida autora.

*O passado é presente e o presente, a atualização
permanente do que já foi e do que ainda será (Rita
Carelli, 2021).*

Eliane Lima dos Santos, mais conhecida, dentro e fora do Movimento Indígena, como Eliane Potiguara, nasceu no Rio de Janeiro em 1950. Em entrevista concedida ao escritor Daniel Munduruku, Eliane afirma: “Gosto de ser identificada sempre como indígena, que é a força maior que tenho na minha família, que é minha identidade enquanto povo indígena, povo Potiguara” (Munduruku, 2012). Nesse sentido, para compreender sua trajetória, precisamos recorrer ao passado de seu avô indígena, Chico Salón, na segunda metade do século XX, quando começa a diáspora de sua família Potiguara.

Eliane Potiguara conta, em entrevista concedida à *Revista Estudos Feministas*, que seu bisavô, Francisco Salón de Souza, foi cruelmente assassinado por combater a invasão aos territórios tradicionais do Nordeste: “Amarraram-lhe pedras aos pés, enfiaram-lhe a cabeça em um saco e o arremessaram ao fundo das águas do litoral paraibano” (Potiguara, 2002, p. 220). A verdade é que os conflitos oriundos de guerras de invasões dos territórios indígenas vêm dizimando, desde 1500, guerreiras/os anônimas/os indígenas. Com a família de Eliane Potiguara, a estratégia de sobrevivência adotada foi a migração forçada. Após o assassinato de Chico, as filhas, Maria de Lourdes, Maria Isabel e Maria Soledad, migraram do litoral da Paraíba para Pernambuco. Em Pernambuco, Maria de Lourdes, avó de Eliane Potiguara, foi vítima de violência sexual, engravidando em seguida. Na data de 31 de dezembro de 1928, nasceu Elza, filha de Maria de Lourdes e mãe de Eliane Potiguara. Depois disso, a experiência da diáspora tornou-se a repetir, pois as mulheres migraram para a cidade do Rio de Janeiro.

Na nova cidade, permaneceram por um tempo nas ruas e, depois, se estabeleceram na Zona do Mangue. Ali, na cidade carioca, Maria de Lourdes comercializou bananas para providenciar a sobrevivência dos seus. Tempos depois, Elza casou-se. Da união nasceram dois filhos: um menino, Carlos Alberto Lima dos Santos, e uma menina, Eliane Potiguara. Elza, pouco depois, enviuvou

Building the way

e começou a trabalhar como faxineira, outorgando, assim, os cuidados da filha à avó Maria de Lourdes. Eliane viveu a infância e adolescência no gueto do Morro da Providência no Rio de Janeiro.

Potiguara iniciou, aos seis anos de idade, seu aprendizado das sabedorias indígenas. A avó, temerosa pela integridade de sua neta, criou Eliane envolta em cuidados extremados, enclausurada na residência familiar, visando a defesa de sua:

Identidade moral, física e psicológica, pois viviam em uma área socialmente comprometida. Além disso, havia uma colônia de estrangeiros que vieram imigrados da Europa, fugindo da Segunda Guerra Mundial, como carvoeiros italianos, bananeiros portugueses e comerciantes espanhóis (Potiguara, 2018, p. 25).

É coerente apontar, nesse momento, que, segundo relatório (2016) divulgado pela ONU Mulheres, uma em cada três mulheres indígenas são vítimas de estupro ao longo da vida. Resultado, também, da objetificação da mulher indígena em representações culturais produzidas pelos não indígenas, nas quais são reproduzidas imagens altamente sexualizadas, haja vista Pocahontas da Disney e Iracema, a virgem dos lábios de mel, de José de Alencar.

Potiguara foi crescendo e aprendendo com histórias reais de sabedorias indígenas contadas pela avó e tias-avós, nutrindo amor aos livros e ao mundo mágico e literário. Sendo nascida na cidade, o contato com a cultura e as tradições Potiguara foi intermediado pela figura das matriarcas indígenas. Assim que alfabetizada, a pequena Eliane passou a cumprir a função de escriba das cartas recebidas e enviadas pela avó.

As narrativas contadas pela avó e lidas nas cartas definiram, em grande parte, o entendimento de Potiguara sobre contar histórias e, posteriormente, seu entendimento sobre literatura. Assim, segundo a pesquisadora Heliene Rosa da Costa,

O convívio com a anciã indígena foi determinante para a definição do projeto de escrita de Eliane Potiguara. A constituição da narradora e dos princípios éticos e morais, norteadores de sua trajetória como intelectual, mulher e militante pelos direitos dos povos e das mulheres indígenas foram sendo

Building the way

gestados a partir do reconhecimento das tradições e dos valores de sua cultura ancestral e, sobretudo, do reconhecimento da luta desvelada pelas entrelinhas das histórias e pelas lágrimas da avó potiguara (Costa, 2020, p.101).

Eliane, fazendo caminho inverso ao de seus antepassados, reencontra-se consigo mesma e com sua identidade ao retornar às suas origens e ao ser aceita como filha do povo Potiguara. Conforme narra a autora, sua consciência crítica e o incentivo por parte de familiares foram os fatores que fortaleceram sua decisão:

Incentivada por sua avó, já falecida pelos maus-tratos da migração, e pelo cantor e comunista, de origem indígena Charrua, o inesquecível Taiguara, com o qual se unira em 1978, Potiguara fez o retorno ao inconsciente coletivo visitando nações indígenas e perseguindo, sem medir esforços, a verdadeira história de sua tão sacrificada, marginalizada e discriminada família migrante do nordeste brasileiro, umas das áreas mais pobres do país (Potiguara, 2018, p. 27).

A partir desse momento, começa seu envolvimento efetivo dentro do Movimento Indígena, se articulando politicamente e conhecendo as demandas Potiguaras. Cabe aqui apontar a importância do cacique e vereador João Batista Faustino no processo de resgate da cidadania indígena Potiguara de Eliane. Acerca disso, Graça Graúna aponta que o ancião Faustino, em 1979, relatou à Eliane, em alusão à marca de nascença que a escritora carrega no lado direito do rosto, “que a pessoa portadora dessa marca tem uma missão especial e que o Povo Potiguara estava esperando (naquela época) uma pessoa com essa marca de ancestralidade” (Graúna, 2013, p. 98-99).

Hoje, Eliane é uma escritora com mais de cinco livros publicados. São eles: *A Terra é a Mãe do Índio* (1989); *Metade Cara, Metade Máscara* (2004); *O Coco que Guardava a Noite* (2004); *O Pássaro Encantado* (2014); e *A Cura da Terra* (2015); e uma cartilha de alfabetização *Akajutibiro: Terra do Índio Potiguara* (1994). Eliane é professora formada em Letras e Educação pela UFRJ, pós-graduada em Educação e Meio Ambiente pela UFOP, ativista criadora do primeiro grupo indígena a fomentar políticas públicas voltadas à proteção da mulher (GRUMIN, 1988) e membro fundadora do ECMIA (Enlace Continental de Mujeres Indígenas).

Building the way

Eliane é engajada nas lutas do povo Potiguara e cumpre intensa agenda de viagens pelo Brasil e exterior, participando de fóruns, debates, eventos literários, *lives* na rede, conferências, palestras e contando histórias. Suas produções literárias são objeto de pesquisa no ambiente acadêmico, dentro e fora do âmbito nacional. Segundo Pedro Mandagará, doutor em Letras pela PUCRS, o poema “Identidade Indígena” seria um dos marcos iniciais da produção literária de autoria indígena no Brasil, colocando Eliane como precursora do movimento.

Resumidamente, Eliane é, nas palavras da própria escritora, resultado “dessa história toda de vida, de luta de um povo, de uma família potiguara que se afastou literalmente de suas terras e conseguiu sobreviver” (Munduruku, 2012, p.121). Tendo apresentado um pouco sobre a história da autora da obra selecionada para esta investigação, passamos, a seguir, a abordar a obra analisada.

Metade cara, Metade máscara: algumas reflexões

Meu maior desejo é que haja mais escrita do meu povo, e que os nossos filhos a leiam. Eu já disse repetidas vezes que a nossa história seria diferente se tivesse sido expressa por nós mesmos (Rita Joe, 2007).

Chimamanda Adichie, em 2009, já nos conduzia ao entendimento político do ato de contar histórias, levantando a seguinte questão sobre narrativas: “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder”. A fala da autora nos leva a refletir sobre um contexto situado: no Brasil, a história dos povos indígenas, até bem recentemente, foi contada exclusivamente por homens não-indígenas. A história das mulheres indígenas tampouco foi contada por elas mesmas. Um dos perigos quando o outro conta a sua história é que ele cria estereótipos e “o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Adichie, 2019, p. 26).

Nesse âmbito, o fato de, por muito tempo, as narrativas sobre os povos indígenas brasileiros terem sido contadas/escritas pelo não-indígena, conduziu

Building the way

à negação da subjetividade ao ameríndio e criou uma imagem estereotipada de “disponibilidade sexual das mulheres indígenas” (Silva, 2017, p. 1). Liane Schneider corrobora essa premissa ao apontar que a “desumanização dessas mulheres em muitas representações culturais pós-colonização, teve efeito bastante negativo em tempos contemporâneos na autoimagem das nativas e na relação dessas com os homens, indígenas ou não” (Schneider, 2019, p. 3). Trata-se, portanto, de narrativas que têm o/a indígena como tema a ser narrado e o narra a seu bel-prazer.

O primeiro registro literário brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha, faz o primeiro relato a respeito dos/das indígenas brasileiros/as ao descrever a invasão como descoberta de um “ilhéu” e refere-se à mulher indígena da seguinte forma:

Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha (BRASIL, Ministério da Cultura).

De lá para cá, Gonçalves Dias (1851), em seu *I-Juca-Pirama*; José de Alencar, em *Iracema* (1865); até representações menos emocionadas como *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928) e *Maíra*, de Darcy Ribeiro (1976), entre outros autores, vêm usando as tradições e a figura do/da indígena para criar literatura (contar histórias) que pouco contribui, de fato, com os povos indígenas brasileiros/as, muito ao contrário, os jogam para um passado muito remoto, para ocuparem o lugar do bom-selvagem-herói-mítico. Em artigo publicado em 2017, as/os autoras/es Britto, Sousa Filho e Cândido esclarecem, no que se refere a esse afã de mitificação da/do indígena e suas consequências, o seguinte:

Do mesmo modo, José de Alencar desaparece com os índios da paisagem tropical no afã de poder afirmar um passado lendário ao Brasil. Para que Peri e I Juca Pirama fossem Ulisses, Édipo ou Lancelot, os românticos extinguiram os nativos de sua terra pela segunda vez (Britto; Sousa Filho; Cândido, 2017, p. 178).

As representações produzidas pela chamada Literatura Indianista focalizam, em sua maioria, uma imagem preconceituosa, etnocêntrica e muitas

Building the way

vezes equivocada a respeito dos/das indígenas, não se tratando, desse modo, de um retrato compromissado com a realidade. Graça Graúna reforça que “a abordagem que se faz do índio na história da literatura brasileira não é indígena, mas indigenista ou indianista” (Graúna, 2013). Para além de mera categorização de “literatura indígena” ou “literatura indianista”, o que está em jogo é poder. O que cada uma dessas categorias faz é coisa muito distinta: enquanto uma silencia, a outra dá voz. As histórias escritas por homens e mulheres indígenas vêm crescendo cada vez mais em visibilidade, num movimento de ocupação motivado pela necessidade de se (re)contar a própria história e resgatar suas culturas e identidades ameaçadas pelas narrativas em voga até então. É nesse sentido que nasce a literatura indígena, nos convidando a ouvir uma nova história, a conhecer uma nova face do Brasil. O que antes era história única que cobria a verdadeira face do Brasil, o Brasil Pindorama, agora pensa o país a partir de sua condição como minorias silenciadas historicamente, e vê, na literatura, a possibilidade de propagar culturas e denunciar crimes contra povos indígenas. O escritor indígena de literatura nativa Olívio Jekupé ressalta que a escrita é “como uma grande arma e nós indígenas devemos usar essa arma do branco em nosso favor” (Tettamanzy, 2018, p. 19). Dessa forma, a literatura é indicada aqui com a função de denúncia. A escrita literária é assimilada então como arma de utilidade prática em defesa dos povos indígenas. E a tarefa é grande, há muito o que contar, o que reescrever, o que descolonizar. As histórias contadas pelos indígenas, as histórias contadas pelas mulheres indígenas, importam.

Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem ser despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

A exemplo do que foi discutido até aqui, o escritor Daniel Munduruku nos conta, em *O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira*, o episódio em que foi procurado por uma mãe com o objetivo de remediar o temor que a filha dela sentia pela imagem indígena. Nos é contado que o medo da menina, de sete anos, começou quando a professora apresentou na sala de aula uma gravura na qual Tupinambás, grupo indígena pertencente ao tronco

Building the way

linguístico tupi, praticavam o rito antropofágico (mostrado, provavelmente, dissociado de seu contexto histórico e social), comendo pernas e braços humanos. Daniel se encontrou com a criança e, num movimento bem articulado, foi construindo uma outra história e destruindo o medo de “índio” que ela sentia. O escritor constata, ao final desse episódio, que, “por trás do medo de índio estava a fala da escola e da professora: esta tinha apresentado apenas os aspectos negativos das populações indígenas, diferentemente do que a gente tinha conversado ali” (Munduruku, 2009, p. 20).

Metade Cara, Metade Máscara (1º ed. 2004; 2º e 3º ed. 2018) se insere nessa dinâmica de narrativas que destroem para construir uma nova história sobre e para os povos indígenas brasileiros/as. Desconstrói com autoridade, pois, em seu lugar de fala, pressupostos eurocêntricos regularizaram, por muito tempo, um único ponto de vista a respeito das narrativas dos fatos históricos aludidos. Sua primeira edição foi publicada em 2004, com apresentação da escritora e crítica literária Graça Graúna, pela Global Editora.

Primeiro livro literário publicado pela autora, *Metade Cara, Metade Máscara* compõe a série *Visões Indígenas* e tem o selo do Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual (Inbrapi). Posteriormente, ganhou mais duas edições pela GRUMIN, ambas publicadas em 2018.

A segunda edição, lançada em 2018, ano que concomitantemente aconteceu a publicação da terceira edição da obra pela Grumin Edições, sucedeu como resultado de parceria entre a escritora e Daniel Munduruku, por intermédio da UK'A Casa Editorial. Assim como na edição passada — e como na que viria posteriormente —, a segunda edição conta, na arte de capa, com a imagem de uma mulher indígena, Gislaine Crixí Burum, de etnia Munduruku. No canto superior é possível identificar o selo do Instituto Editorial UK'A, Casa dos Saberes Ancestrais — fundação de caráter educativo e cultural dirigida por Daniel Munduruku.

A terceira edição, a qual usamos para leitura e como objeto deste trabalho, foi reatualizada, saindo somente pelo selo da Grumin Edições, também no ano de 2018. A arte da capa possui grafismos de Aline Ngrenhatabare Lopes Kayapó, ofertada como presente para a autora, texto de orelha assinado pelo jornalista Marcello Pereira Borghi e apresentação feita pelo líder e intelectual

Building the way

indígena Ailton Krenak — que revela ao leitor a face guerreira de Eliane Potiguara. Ele afirma:

Com seus textos políticos, incitando a luta contra o colonialismo e racismo institucional, esta guerreira *avant la lettre*, chegou falando aos *kurumin*, alfabetizando em línguas estranhas e pagãs, convocando para outras poéticas da Terra Mãe, uma longa jornada até publicar *Metade cara, metade máscara*, seu livro totem que veio para afirmar a escrita feminina contemporânea indígena. (Krenak, 2018, p.12).

Que as populações potiguaras são conhecidas pela força guerreira frente às invasões a que foram submetidas, já é sabido, o que Krenak nos mostra no texto é a face guerreira questionadora do entre lugar ocupado pelo indígena de realidade diaspórica na sociedade pós-colonial. Costa reforça:

O olhar do xamã, arguto e esquadrinhador, é o de um amigo de Eliane, seu companheiro de luta por décadas, que traz ao leitor a visão de uma escritora aguerrida e muito comprometida com a sua causa (Costa, 2020, p.136).

Ademais, a obra mostra-se como um convite para um novo jeito de se fazer literatura ao apresentar hibridismo literário, caracterizado pela presença de vários gêneros textuais: biografia, autobiografia, relatos, artigos, poesia e prosa. A pesquisadora Heliene Rosa da Costa, em tese publicada em fevereiro de 2020, descreve com precisão esse aspecto.

O corpo do livro é composto por sete capítulos, cujas narrativas se correspondem em tempos e em espaços diferentes, em prosa e em verso, por meio de uma miscelânea de vozes que se sobrepõem na cena histórica brasileira em diferentes gêneros, linguagens e textualidade (Costa, 2020, p.155).

O livro dispõe de sete capítulos. O entrelaçamento das narrativas acontece em tempos e espaços diferentes, em prosa e em verso, por meio de uma mistura de vozes que se sobrepõem e com diferentes gêneros, linguagens e textualidades. Como esclarece a escritora Graça Graúna,

o livro *Metade Cara, Metade Máscara* ou “*Histórias não contadas de mulheres indígenas*” [...] foi parcialmente disponibilizado na

Building the way

Internet, na página “*Literatura Indígena: um pensamento brasileiro*”, junto ao GRUMIN. No grupo virtual, a autora também modera esse grupo de diálogo em torno da literatura indígena (Graúna, 2013, p.97).

Eliane é pioneira em utilizar os recursos tecnológicos, como blogs e redes sociais, para divulgação e visibilidade das demandas indígenas para além dos espaços das comunidades originárias. Assim, antes do lançamento da versão impressa do livro *Metade Cara, Metade Máscara*, em sua primeira edição, parte de seu conteúdo já havia sido disponibilizado no espaço virtual.

A narrativa que atravessa toda a obra é a saga poética de Jurupiranga e Cunhataí, casal que representa as famílias indígenas. Essa produção relata os processos de invasão e de colonização e suas consequências devastadoras, como a diáspora indígena para os centros urbanos, a situação das mulheres indígenas e suas fragilidades diante das violências de gênero e raça e a busca pela identidade indígena. Há poemas em que são demonstradas a solidão e a dor de Cunhataí, como em “Ato de Amor entre os Povos”. Há, ainda, o poema “O Segredo das Mulheres”, em que é possível identificar a relação entre o passado, presente nos saberes ancestrais, e a identidade feminina. Heliene Rosa da Costa resume acertadamente a obra:

Metade Cara, Metade Máscara traz uma narrativa poética entremeada por relatos, artigos e ensaios a respeito dos povos indígenas, seus líderes e sua luta pela sobrevivência ao longo da história. Além da questão estrutural e poética, a obra tem um caráter pessoal: a escrita da professora, militante, poeta e intelectual indígena Eliane Potiguara coloca foco na luta das mulheres e dos povos indígenas, na saga poética do casal Jurupiranga e Cunhataí, no sofrimento e da solidão das mulheres e nas violências praticadas contra as comunidades indígenas (Costa, 2020, p.157).

Para além de espaço meramente narrativo, o que é contado e como é contado apresenta a função-ação de denúncia frente às mazelas sociais enfrentadas pelos povos indígenas, e não referente apenas ao povo Potiguara. A autora utiliza várias vezes processos genéricos de identificação, como no trecho: “E, aqui contamos não um caso particular, mas um caso comum a milhares de brasileiros, migrantes indígenas. Conta-se que o índio X, pai das meninas [...]” (Potiguara, 2018, p.24), para apontar que não se trata de caso

Building the way

isolado. Afinal, “múltiplas vozes representativas de povos diversos se fazem presente, algumas das quais: vozes do povo Tamoio, Yanomami, Tikuna, Pataxó, Pankararu, Guarani, Tukano, Sateré-Mawé, Potyguara” (Pinto, 2017, p.4660). Narrando assim, a autora nos apresenta um contexto maior de existência dos povos indígenas no Brasil e nas Américas.

Gloria Anzaldúa, via carta escrita em 1981 e direcionada às mulheres escritoras do terceiro mundo, convoca a camada feminina a escrever suas próprias histórias, assumindo o lugar de agente e abandonando a posição de objeto a ser narrado, com vistas a descreverem suas próprias experiências particulares e denunciarem situações de opressão. Esse aspecto foi observado na obra em estudo, pois a voz que denuncia fez-se recorrente na poesia de Potiguara, na qual as mulheres são convidadas a não se calarem. Há esse chamamento, essa convocação, como forma de resistência, na reapropriação do lugar de fala, tomado pelas representações outrora narradas pela voz colonial, como observado em poemas do capítulo 3 da obra.

Outro aspecto evidenciado na obra, sobretudo no capítulo 2 - intitulado “Angústia e desespero pela perda das terras e pela ameaça à cultura e às tradições” -, é que a mulher indígena pertence a uma coletividade: aquela que sofreu os efeitos da dominação e da subjugação provinda da herança colonial. O trecho do poema “não temos mais vagina, não mais procriamos” revela que a identidade reprodutiva das mulheres foi despojada ou negada, visto que o sistema colonial afetou o acesso das mulheres indígenas à sua própria sexualidade e à reprodução. Isso pode ser interpretado como uma forma de controle sobre o corpo das mulheres e a maneira como elas experienciam a feminilidade. Tanto nessa parte quanto em outros momentos da obra, temos a voz da mulher indígena que sente os agenciamentos da colonialidade, mas que é sinônimo de (re)existência.

Esboçando algumas considerações

*Porque a palavra indígena sempre
existiu (Graça Graúna, 2012).*

Building the way

Como afirmado por Graça Graúna, a literatura indígena não é uma criação recente, mas uma expressão ancestral de sabedorias, identidades e culturas. A partir desse estudo, podemos examinar o poder dessa literatura como ferramenta de luta para divulgação dos saberes e experiências dos povos originários do Brasil.

A literatura indígena, incluindo a obra de Eliane Potiguara, emerge como uma ferramenta poderosa para dar voz aos povos indígenas e contar suas próprias histórias. Isso é essencial para contrapor as histórias únicas que foram contadas por outros ao longo da história, muitas vezes contribuindo para a desumanização e marginalização dos indígenas. A importância da literatura indígena vai além de simplesmente desafiar estereótipos. Ela também desempenha um papel crucial na construção da identidade cultural e no fortalecimento das comunidades indígenas. A escrita de Potiguara e de outros autores indígenas contribui para a preservação e a revitalização das tradições culturais, ao mesmo tempo em que lança luz sobre as questões contemporâneas enfrentadas pelos povos indígenas. A diversidade de vozes na literatura indígena é um testemunho da riqueza das culturas indígenas do Brasil e de sua resiliência diante dos desafios históricos e contemporâneos.

Como pesquisadores, reconhecemos a importância de ouvir e ampliar essas vozes, de forma a contribuir para a descolonização das narrativas e para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Neste estudo, também exploramos o papel da literatura na desconstrução de estereótipos e na promoção da empatia. Assim como a palestra de Chimamanda Adichie enfatiza, as histórias têm o poder de humanizar, empoderar e reparar a dignidade de um povo. A literatura indígena, como exemplificada por Eliane Potiguara, é um veículo poderoso para alcançar esses objetivos. Portanto, é essencial continuar a promover e a estudar a literatura indígena, dando destaque às vozes autênticas oriundas da literatura nativa que estão reescrevendo a história e moldando futuros possíveis. Mediante essa literatura, podemos aprender a respeitar, a valorizar e a apoiar os povos indígenas em sua busca por justiça, igualdade e reconhecimento de seus direitos. A história está sendo reescrita, e é nossa responsabilidade ouvir e compartilhar essas narrativas poderosas.

Referências Críticas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BRANDÃO, Izabel; CAVALCANTE, Ildiney; COSTA, Claudia de Lima; LIMA, Ana Cecília Acioli (Org.). **Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

BRASIL, Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MEC.

BRITTO, T. C. de; SOUSA FILHO, S. M. de; CÂNDIDO, G. V. **O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena**. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 53, p. 177-197, 2017.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/ CGETNO/CGGAM, 2012.

COSTA, Helene Rosa da. **Identidades e Ancestralidades das Mulheres Indígenas na Poética de Eliane Potiguara**. 2020. Tese (doutorado). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, fevereiro de 2020.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GRAÚNA, Graça. Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**. V.15, N.25, 266-276, jan-jun. 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KRENAK, A. (Apresentação). POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumín, 2018. p. 12.

MANDAGARÁ, Pedro. **Uma forma de ver as literaturas das mulheres indígenas**. Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Publicado em 06 de junho de 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura x Literatura Indígena: consenso?** Fevereiro, 12, 2016. Disponível em:

Building the way

<https://danielmunduruku.blogspot.com/2016/02/literatura-x-literatura-indigena.html>.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PINTO, Milena Costa; LIMA, Elizabeth Gonzaga. **Metade Cara, Metade Máscara: uma escrita-testemunho tecida entre fios da memória**. XV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. Anais. UERJ:2017.

PRATT, Mary Louise. **Mulher, literatura e irmandade nacional**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHNEIDER, Liane. **Vozes de escritoras indígenas das América: resistência em forma de verso no Canadá e Brasil**. Interfaces Brasil/Canadá. v. 16, n. 3, Florianópolis, Pelotas, São Paulo, , 2016.

SILVA, Amanda Cristina Souza da. **Gênero e etnia: historiografia e mulheres indígenas**. In: ANAIS DO III ENCONTRO DE DISCENTES DE HISTÓRIA DA UNIFAP, Anais, 2017, Macapá AP.

TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. **Falas à espera de escuta**. In: DORRICO, Julie; DANNER (Org.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, p. 15-24.

VIEIRA, José Glebson. **Potiguara**. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara>. Acesso em: 11 dez, 2021.

Referências Literárias

CARELLI, Rita. **Terrapreta**. São Paulo: Editora 34, 2021.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyritama: eu moro na cidade**. 2. ed. São Paulo: Pólen, 2018.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.

REZENDE, Maria Valéria. **O voo da guará vermelha**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.